



# 365

## HISTÓRIAS

# D



# SNEY



D. QUIXOTE

## 1 DE JANEIRO UMA COISA ESPANTOSA

Todos os dias, à tardinha, o Beto Pera estacionava à porta de casa e o seu pequeno vizinho, o Tommy, ficava sentado no seu triciclo, a deliciar-se com a cena. Ver aquele homem sair do carro era como ver um génio a sair da lâmpada, ou, mais exatamente, de uma caixa de fósforos. É que o Sr. Pera era de tal maneira enorme, e o automóvel de tal modo minúsculo, que ele tinha de fazer imensa ginástica para conseguir sair!



Um dia, o Sr. Pera regressou a casa mais enervado do que o habitual. Assim que saiu do carro, pôs o pé em cima do skate do filho e teve de se agarrar ao tejadilho, para não cair no meio do chão. Depois, reparou que tinha deixado uma marca da mão, como se o metal fosse manteiga! Irritado, bateu com a porta do carro que fez ricochete contra ele. Já a ferver de fúria, tornou a atirar a porta com tanta força que até rebentou com o vidro!

Foi nessa altura que o Tommy assistiu a uma coisa fabulosa. Completamente doi-

do de raiva, o Sr. Pera começou a insultar o carro e levantou-o por cima da cabeça, como se fosse um brinquedo! Percebeu então que o Tommy estava a olhar para ele, de olhos esbugalhados. De imediato, fez-lhe um sorriso embaraçado, pousou suavemente o carro e entrou em casa.

Na tarde seguinte, o Tommy foi a pedalar até casa dos Pera.

– Estás à espera de quê? – pergunta-lhe o Sr. Pera, após estacionar.

– Não sei... – diz o Tommy, pensativo.

– De outra coisa espantosa!

– Sabes que mais? Também eu! – suspira o Sr. Pera, desmotivado.

Daí a uns dias, o vizinho matulão chegou a casa ao volante de um carro novo, muito mais bonito do que o antigo. Tirando isso, não se passou grande coisa durante várias semanas. Todavia, o Tommy nunca se cansou de ficar à espera. Certa tarde, por fim, o espetáculo continuou: observando a casa, o rapazinho viu um sujeito, propulsionado por foguetes, a sair do telhado em direção a uma nave espacial, levando o bebé dos Pera com ele. A seguir, o Sr. Pera lançou a Sra. Pera pelos ares e ela tornou a descer, tomando a forma de um para-quedas, já com o filho nos braços. Por fim, o Sr. Pera atirou o seu carro novo contra a nave espacial, que se desintegrou logo, num fogo de artifício impressionante!

– Fixe! Isto sim, foi uma coisa espantosa! – gritou o Tommy.

E despediu-se dos Pera, antes de voltar para casa, todo contente.

## 2 DE JANEIRO CONFIDÊNCIAS SURPREENDENTES

O Flynn e a Rapunzel vão a fugir pela passagem secreta da taberna. Não lhes convém mesmo nada abrandar: os soldados do Rei estão a persegui-los! Isto porque o Flynn roubou a coroa real... facto que a Rapunzel desconhece. Por seu turno, ela também lhe surriprou a coroa, para obrigar o Flynn a guiá-la pela floresta. O que ela nunca imaginou, foi que iam acabar os dois enfiados num túnel imundo, com o exército à perna... Ah, e os irmãos Stabbington, esses grandes bandidos, também iam trás deles! A Rapunzel e o Flynn correm pelo túnel mas vão dar à beira de um precipício!

O Flynn ganha balanço, salta para o vazio e consegue aterrar num rochedo estreito. Ele chama-a:

– Salta, Rapunzel!

– Nunca! Não sou capaz! – amedronta-se a rapariga.

– Os teus cabelos, depressa! – lembra-se o Flynn.

Ele apanha a longa mecha loura e segura na Rapunzel, que se vai balouçando até junto dele. Só que o cavalo do Capitão da Guarda, o Maximus, tem um plano. Com um coice, o bicho rebenta com um dique e a água começa a invadir o túnel. O Flynn agarra-se aos cabelos da Rapunzel e lança-se para tentar fugir, mas choca contra um muro de rocha e escorrega por ali abaixo. Sem hesitar, a Rapunzel suspende-se pelos cabelos e desce até ele. De seguida, fogem os dois a sete pés da água que agora já tapa a passagem secreta. Tanto os soldados como os Stabbington são levados

pela enxurrada! A Rapunzel e o Flynn refugiam-se numa pequena gruta mas cai um pedregulho atrás deles e corta-lhes a saída! No escuro, eles sentem o nível da água a subir cada vez mais!

– Tudo por culpa minha! – soluça a Rapunzel. – Desculpa, Flynn.

– Eugene. O meu verdadeiro nome é Eugene – confessa inesperadamente o ladrão. – Como estamos quase a afogar-nos, mais vale sermos sinceros um com o outro.



– Eugene? – grita a Rapunzel. – A sério? Pois eu tenho cabelos mágicos que brilham no escuro quando canto. Mas confesso que é uma coisa muito menos estrambólica do que esse teu nome!

O ladrão fita-a, embasbacado. A Rapunzel estava a dizer a verdade!

– Quem diria, Lourinha... Qual de nós tem mais segredos? Se calhar, a confidência mais incrível que podemos partilhar é que tu dizes coisas completamente malucas... e acreditamos os dois em tudo!

## 3 DE JANEIRO À PROCURA DE QUEM?

Reinava uma certa calma no recife.

Encostado a uma anémone, o Nemo preparava-se para dormir a sesta, quando apanhou um susto. Aquilo que ele estava a ouvir era a pior canção do mundo! Tentou tapar-se todo com a anémone, mas a cantiga continuava.

– O maior *patiiife* do *reciife*!

Aquela voz era-lhe familiar... Decidiu espreitar entre os tentáculos da anémone, para ver quem fazia aquele barulheira horrível.

– Dóri!

O Nemo devia ter adivinhado: uma voz daquelas era inesquecível! E apressa-se a ir ter com a amiga.

– Dóri! Por onde tens andado?

Há que séculos que o Nemo não via o peixe-cirurgião azul que ajudara o seu pai a ir salvá-lo do aquário do dentista. Estava ansioso por dar-lhe um abraço de barbatanas!

Quando o Nemo se aproximou, a Dóri parou de cantar. Bom sinal. Mas a cara dela ficou na mesma. Mau sinal.

– Disseste alguma coisa, miúdo? – pergunta ela.

– Dóri, sou eu! O Nemo! – diz ele.

– És quem? – espanta-se ela. – Lamento, pequeno, mas não te conheço. Só me lembro que vinha a cantar. Por que será? Será que sou famosa? Talvez seja por isso que tu me conheces a mim.

– Dóri! Nós somos amigos, não te lembras?

– Somos? Mas eu acabei de travar amizade com um caranguejo eremita e sabes como eles são ciumentos...

A Dóri pôs-se à procura do caranguejo mas às tantas distraiu-se e ficou a perseguir a própria cauda.

– Por favor, Dóri, tenta lembrar-te. Tu contribuístes para o meu salvamento. Ajudaste-me a encontrar o meu papá. Um tipo cor de laranja! Com três faixas brancas! Tem umas parecenças comigo.

– O meu papá? Parecido contigo? Olha que tu não te pareces nada com o meu pai.

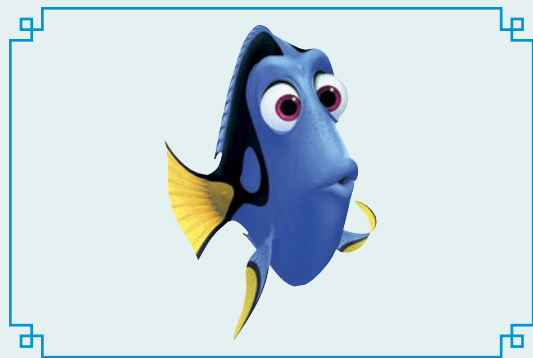
A Dóri olha para o Nemo como se ele fosse doido e começa a afastar-se.

– Faz um esforço! – suplica o peixinho.

Mas como é que ela não se lembra?

– Eu sou o Nemo!

A Dóri abrandava, põe-se a observar o Nemo de ponta a ponta e depois desata numa risota tão forte, que até lhe saem bolhas pelo nariz.



– Apanhei-te, não foi? – diz ela, pegando nele pelas barbatanas.

O Nemo também ri e nada em círculos em volta da amiga.

– Essa foi boa, Dóri! – admite ele.

A Dóri sorri. – Pois foi... O que é que foi boa?

O Nemo suspira. Ah, esta Dóri!

## 4 DE JANEIRO VAMOS À PESCA!

– Olha, filhote de homem – começa o Balu. – Hoje vou ensinar-te a pescar como um urso!

O Mogli ficou radiante! Ele adorava o seu novo amigo. A única coisa que o Balu queria na vida era passar dias divertidos na selva, e o Mogli também.



– Repara bem, miúdo – explica o Balu, quando chegam à margem do rio. – Só tens de esperar que um peixe venha a nadar por aqui e depois... Zuca!

Rápido como um relâmpago, o Balu consegue agarrar num peixe escorregadio.

– Agora, é a tua vez!

O Mogli senta-se, sem se mexer, à espera de ver um peixe e depois... Splash! Cai de chapa na água.

– Hum – faz o Balu, enquanto pesca e repesca o Mogli, todo ensopado. – Vou mostrar-te a minha segunda técnica de pescaria.

O Balu e o Mogli instalam-se noutro lugar do rio. Dali, conseguem ver cardumes a saltar por cima da água, quando os peixes se aproximam de uma pequena

cascata. O Balu avança uns passos no rio, espera que um peixe salte e... Zuca! Atira-o para terra.

– Agora tu, miúdo!

O Mogli avança dentro de água, espera o salto do peixe e... Splash! Mergulha antes do próprio peixe!

– Bom, passamos ao plano C – diz o Balu, depois de repescar novamente o Mogli. – Vou levar-te à cascata grande. É o sítio onde os peixes vêm literalmente parar às nossas patas. Só tens de esticar os braços e apanhar um.

O Mogli segue o Balu até à grande cascata. Não havia dúvida: ali, os peixes saltavam, a torto e a direito. Ia ser fácil!

A admiração do Mogli pelo amigo urso tornou-se ainda maior quando viu como o Balu apanhou outro peixe, num abrir e fechar de olhos.

– Desta vez, vou ser capaz. Olha para mim, Balu! – diz o Mogli, empolgado.

O menino concentra-se e depois... Flash! Era mesmo verdade, ele tinha um peixe nas mãos! Só que, meio segundo depois, o peixe fuge-lhe e salta de novo para a água. O Mogli fica a olhar para as suas mãos vazias e suspira.

– Sabes que mais, miúdo? – diz o Balu, dando uma palmadinha com a sua grande pata nos ombros magricelas do Mogli. – Acho que já trabalhaste o suficiente. A vida na selva não deve ser tão cansativa! Deve ser alegre, divertida e despreocupada. Esquece a pesca e vamos mas é abanar uma bananeira!

E o Mogli aceita, com satisfação.

## 5 DE JANEIRO HÁ SEMPRE UMA SAÍDA

A Rapunzel e o Flynn estão presos numa gruta que a água invade, pouco a pouco. A água sobe, sobe e já lhes dá pelo queixo. Em menos de um minuto, vão morrer afogados. O Flynn bem queria mergulhar para procurar uma saída, mas está muito escuro e ele não conseguiria ver nada. Já para não falar da ferida profunda que fez na mão e que o impediria de tatear as paredes. Uma tocha ou uma lanterna é que vinham mesmo a calhar...

– Mas os meus cabelos mágicos brilham no escuro! – recorda a Rapunzel.

O Flynn tem um bocadinho de dificuldade em acreditar. Mas a Rapunzel insiste:

– Juro! Se eu cantar, eles começam a brilhar!

A jovem entoia então uma bela canção de amor e o cabelo começa a luzir com tal intensidade que ilumina a caverna inteira! O Flynn nem tem tempo para se espantar: ele repara numa brecha entre as rochas, agarra na Rapunzel e leva-a, a nado. Daí a pouco, vão dar à margem do rio. E podem respirar fundo.

– Ah! Estamos salvos! – exclama a Rapunzel.

O Flynn ainda não percebe muito bem como é que o cabelo dela pode brilhar assim... Mas, o que importa agora, é secarem-se bem. Ele vai buscar lenha e acende uma fogueira. É então que, em silêncio, a Rapunzel lhe pega na mão ferida e a enrola no seu longo cabelo. O Flynn fica inquieto.

– Estes teus cabelos são muito estranhos!

– Não te assustes! – interrompe-o ela para começar a cantar. Daí a instantes, a mão do Flynn está totalmente curada!



– Tens cabelos incrivelmente mágicos! – diz ele, abismado. – É uma história que deixa qualquer um de boca aberta! São assim desde quando?

– Desde sempre. Por isso é que a Mãe Gothel não me queria deixar sair da torre, para eu não correr o risco de mos quere-rem roubar. E tu? Quando foi que mudas-te de nome?

O Flynn cora de vergonha. Está bastante arrependido de ter confessado à Rapunzel que afinal se chama Eugene...

– No orfanato. Flynn era o nome do meu herói de aventuras preferido. Mas a minha história não tem interesse nenhum. Se me pusesse a contá-la, adormecias num instante.

A Rapunzel dá uma gargalhada.

– Pois é, Eugene, cada um de nós à sua maneira, temos histórias que parecem tiradas de um conto de fadas!

## 6 DE JANEIRO UM SONHO DELICIOSO

O Winnie the Pooh voltou para a sua casinha e sentou-se, com um grande suspiro. A caminhada na floresta, com o Piglet, tinha sido muito comprida e ele estava cansado. E estava, sobretudo, esfomeado.

– A minha barriga já está a dar horas – diz alto o ursinho.

Levantou-se e foi direito à sua estante do mel. Já só havia um pote!

Um pote de mel não era lá grande coisa. Mas ele começou a comer. Quando terminou, não deixou nem uma gota.

Só que a sua barriga continuava a roncar.

– Não tenho outro remédio senão ir para a cama – diz ele, cabisbaixo.

Vestiu o pijama, pôs o barrete e trepou para sua cama fofinha. Um minuto depois, ressonava tanto que fazia eco pelo quarto inteiro! E ficou a sonhar com potes de mel, claro.

O Winnie estava diante de uma Árvore do Mel tão carregadinha, que o mel até escorria pelo tronco!

– Mnham, mnham! – faz o Winnie, começando logo a encher os seus potes com aquele líquido doce.

De repente, aparece o Heffalump, mesmo atrás dele.

– Mmm... – faz o Heffalump, lambendo os beiços. A criatura enfia a sua longa tromba dentro de um dos potes e suga o mel todinho, de um só gole!

– Mas esses potes de mel são meus! – grita o Winnie.

O urso tenta mostrar-se corajoso, apesar de sentir uma pontinha de medo. O

Heffalump parecia enorme e muito faminto. Ia devorar tudo!

O Winnie olhou para os potes de mel. Havia uns já cheios, mas a maior parte estava vazia. Observou a Árvore, que continuava a transbordar de mel.

– Tenho uma ideia – diz o Winnie. – Vamos encher juntos todos os potes de mel e depois fazemos um lanche os dois.



O Heffalump concorda. Pega num pote com a tromba e leva-o para o pé da Árvore. O Winnie faz o mesmo e o mel dourado e doce escorrega para os potes.

Quando todos os potes ficaram cheios, o Winnie e o Heffalump sentaram-se. Comeram e comeram, até esvaziarem os potes e encherem bem as barriguinhas.

– Obrigado, Winnie – diz o Heffalump. – Foi divertido. Devíamos repetir isto em breve.

O Winnie diz que sim com a cabeça e o Heffalump despede-se. Dá umas pancadinhas na barriga e depois afasta-se.

Na manhã seguinte, quando o Winnie acorda, a sua barriga já não está a roncar. Ele lembra-se logo da sua noite, tão estranha. Mas foi só um sonho, não foi?



## 7 DE JANEIRO A VIDA NO CAMPO

Confortavelmente instalados numa quinta aconchegante e quentinha, noventa e nove cachorrinhos estafados e esfoameados bebiam, à vez, o leite cremoso das generosas vacas.

– Já tínhamos perdido a esperança de vos reencontrar – diz o Collie, o simpático guarda da granja, ao Pongo e à Perdita, que agora entravam com o resto dos filhotes.



– Nem sabemos como vos agradecer tanta hospitalidade – murmura a Perdita, esgotada.

– Olha-me só para estas coisinhas fofas – diz uma das vacas. – Acho que nunca vi tantos cachorros juntos.

O Pongo, a Perdita e as crias acabavam de chegar de uma longa e cansativa caminhada ao frio. Já era tarde e aqueles que ainda não tinham bebido, mal conseguiam manter os olhos abertos.

Raptados pelo Horácio e pelo Gaspar, os dois capangas da Cruela, e salvos por um

triz pelo Pongo e pela Perdita, a ninhada não ia acabar a servir de casaco de peles àqueles malvados. Nem pensar!

Saciados, os cachorros rodearam o cão da quinta, para lhe latirem o seu muito obrigado.

– De nada, meninos e meninas, de nada – repete o cão grande e magro, a sorrir.

– Vocês jantam leite todas as noites? – quer saber o Malhadinho.

– Não, mas comemos o que vem da terra e olhem que ficamos mais bem alimentados que vocês, com os vossos enlatados! Aqui, precisamos de comida a sério, para todos os que trabalham.

– E faz sempre tanto frio no campo? – pergunta o Borboto.

– Não, nem sempre – esclarece o Collie. – A maior parte de vocês vem da cidade, não é? Há muitas diferenças entre a vida no campo e a vida nas cidades. Pensem, por exemplo, na trela. Aqui, nenhum cão a usa. Há espaço para correr e vagar à vontade. Não há tantos cães como no vosso bairro, mas há muitos outros animais que não se veem nas vossas ruas e que aqui andam em liberdade. Vacas, ovelhas, cavalos, gansos, porcos e...

E o Collie cala-se quando ouve um ronco muito suave. Olhando para os cães à sua volta, percebe que todos adormeceram profundamente, inclusive o Pongo e a Perdita.

– Pobrezitos, a viagem foi mesmo fatigante – sussurra ele. – Mas, em breve, voltarão a casa e aos seus fiéis donos!



## 8 DE JANEIRO UM LADRÃO PROFISSIONAL

A Mãe Gothel continua a fervilhar de raiva. A Rapunzel teve o atrevimento de sair da torre! E isto apesar de todos os avisos acerca dos perigos do mundo exterior... Ainda assim, a Rapunzel preferiu seguir aquele ladrãozeco, pela floresta fora.

– E ela consegue desenhencilhar-se bem sem mim! – constata a Mãe Gothel, com rancor.

Ela apanhou a pista da jovem na taberna dos malfeitores, onde a Rapunzel até fez bons amigos. Foram eles que a ajudaram a fugir com o Flynn, quando os soldados vieram prender o ladrão da coroa real.

– Como é que eu hei de convencer a Rapunzel a voltar à torre? – interroga-se a Mãe Gothel. – Ela agora já não vai cair nas minhas histórias dos monstros maus!

A mulher sem idade põe-se a matutar e não demora a engendrar um plano. Ao observar os bandidos, ela ficou a saber que os irmãos Stabbington foram os cúmplices do Flynn no roubo da coroa. O Flynn, porém, atraçou-os e ficou com o saque todo para ele. E claro que os dois vilões estão doidos para se vingar... Como a Mãe Gothel encontrou o esconderijo da coroa na sua torre, vai propor um negócio aos irmãos.

– Sei onde o Flynn está acampado. Prometo devolver-vos a coroa, se em troca vocês capturarem o Flynn e o entregarem aos soldados. Assim, vou poder levar a Rapunzel para casa, sem problemas.

Atiçados pela promessa de riquezas, os Stabbington não hesitam em seguir as

instruções da Mãe Gothel, que entretanto se dirige ao acampamento dos fugitivos. Como o Flynn tinha ido buscar mais lenha, ela aproveita para surpreender a Rapunzel. Sai de trás de um arbusto e lança-lhe um ar furioso.

– Oh, Mãe! Como conseguiste encontrar-me?



– Foi só seguir o rasto da mentira e da traição! – ironiza a Mãe Gothel. – Mas agora, vamos voltar para a torre.

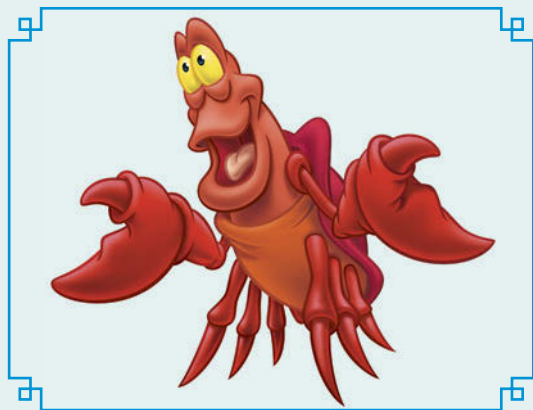
– Mas eu aqui não corro risco nenhum – protesta a jovem. – O Flynn gosta de mim e...

– Ele está a aproveitar-se de ti, sua ingénua! Ou não sabes que é um ladrão profissional? Assim que lhe deres a coroa, ele deixa-te logo para trás! Aqui tens a coroa. Dá-lha e verás se não te abandona logo!

E a Mãe Gothel esgueira-se dali, antes que o Flynn regresse. A Rapunzel suspira. A sua mãe está redondamente enganada. Sim, é verdade que o Flynn é um ladrão profissional... Mas como ela já lhe deu o seu coração, ele não vai precisar de o roubar!

## 9 DE JANEIRO O GRANDE DIA DO SEBASTIÃO

Era um grande dia para o Sebastião, o mestre de música da corte do rei Tritão. Depois de muito trabalho a compor uma nova obra, ele próprio ia dirigir a orquestra real que a ia tocar pela primeira vez. E, nessa noite, ele tinha a certeza de que o seu génio ia ser finalmente reconhecido!



Durante a tarde, andou a verificar cada pormenorzinho, para ter a certeza de que tudo estaria perfeito. Alinhou as cadeiras destinadas aos músicos, preparou pautas suplementares, para o caso de alguém se esquecer da sua, e até lavou e passou a ferro o seu laçarote para o pescoço.

Ia subir o pano. Os músicos estavam nos seus lugares. Ouviam-se as primeiras notas na sala: o peixe-trombeta e o búzio estavam a afinar os seus instrumentos.

Benny, o polvo, que era o tambor da orquestra, foi o último a chegar.

– Sebastião! – diz ele, muito agitado. – Esta noite, não vou conseguir tocar!

– Que disparate! Claro que vais conseguir! – responde o Sebastião, profundamente irritado.

– Não percebeste! – insiste o Benny. – Não posso mesmo! Esta tarde, durante a sesta, adormeci em cima dos meus tentáculos e eles ficaram todos inchados! Não vou conseguir segurar nas baguetes!

O Sebastião ficou fora de si. E agora? A sua obra-prima exigia oito tambores! O Benny tinha oito tentáculos, um para cada tambor. Quem o poderia substituir?

Nesse instante, a Ariel e as suas seis irmãs vieram desejar boa sorte ao chefe da orquestra.

– Ainda bem que te vejo, Ariel! – grita o Sebastião. – Tu e as tuas irmãs podem dar uma ajuda? Só têm de bater nos tambores durante o concerto.

– Claro! – responde o coro de sereias.

– Ótimo! Já temos sete tambores. Só nos falta um.

A orquestra inteira ficou de olhos fixos no caranguejo.

– Eu? Mas eu sou o compositor e maestro! É hoje que o meu génio vai ser aplaudido, em todo o seu esplendor! Tenho de ficar à frente, no centro das atenções!

Talvez seja difícil de acreditar mas, segundos depois, quando o pano subiu, o Sebastião estava atrás dos tambores! As luzes da ribalta tinham de ficar para outra altura.

– Sabes o que é que se diz? – murmura ele à Ariel, que tocava o tambor a seu lado.

– Desejo-te um bom concerto? – supõe a Pequena Sereia.

– Não! Diz-se que os verdadeiros génios nunca são reconhecidos em vida! – remata o Sebastião.

## 10 DE JANEIRO ACORDA, SONECA!

– Vamos, meus amigos! – incentiva o Mestre, logo de manhãzinha. – Prontos para mais um dia de trabalho? Ora, vejamos... Feliz? Dunga? Atchim? Dengoso? Zangado? Soneca?

O Mestre olha em redor.

– Soneca? – repete ele.

Nenhuma resposta. O Soneca não compareceu à chamada.

O Mestre foi direito ao quarto, seguido dos outros. Deram com o Soneca, ainda na cama, ferrado a dormir.

– Oh, não! – suspira o Mestre. – Outra vez, não!

Abeirou-se da pequena cama e puxou os cobertores.

– Vá, Soneca, levanta-te!

Só que o dorminhoco virou-se para o outro lado e continuou a ressonar.

– Isto é ridículo – resmunga o Zangado. – Todas as manhãs é a mesma história: temos sempre de tirar o Soneca da cama. Estou farto!

– Eu também! – diz o Dengoso.

– Já somos três – concorda o Atchim. – Atchuu!

Os anões ficaram a olhar para o Soneca e puseram-se a pensar como o haviam de acordar.

– Tenho uma ideia – revela o Mestre. – Vamos precisar deste dia inteiro para pôr em marcha o meu plano mas o problema vai ficar resolvido, de uma vez por todas!

Os anões rodearam o Mestre e ele explicou os detalhes do seu projeto. A seguir, todos pegaram nas suas ferramentas e deitaram mãos ao trabalho. Um barulho

ensurdecador invadiu o quarto. Golpes de martelo e sons de serras: mas nem no meio de tanto estardalhaço o Soneca despertou!

Dormiu o resto da manhã e a tarde toda e a noite inteira.

Na manhã seguinte, entrou em ação um despertador, colocado em cima da cabeceira da cama. O alarme soou ruidosamente, fazendo vibrar o relógio.

Tanto abanou que acabou por cair e puxar a corda à qual estava preso. Na outra ponta da corda, a fazer de alavanca, estava uma vassoura que levantou energicamente a cabeceira da cama. O Soneca deslizou pelo colchão e foi parar a um escorrega de madeira que saía pela janela e ia dar ao rés do chão.

Splash! Aterrou dentro de um barril de água gelada!

Brrr! Bem acordado, o Soneca ficou a esfregar os olhos, sem perceber o que lhe tinha acontecido. Os outros anões assistiram a tudo e todos deram grandes gargalhadas – todos, menos o Zangado, claro.

– Bom dia, Soneca! – grita o Mestre. – O sol já brilha! Gostas do teu novo despertador?



11 DE JANEIRO

## A ENCANTADORA DE CAVALOS

A Rapunzel e o Flynn estão acampados no bosque. O ladrão tem o exército do Rei no seu encalço mas apesar disso decide conduzir a rapariga até à cidade. No início, apenas lhe interessava recuperar a coroa que ela lhe tinha confiscado. Mas agora, ele faz questão de a ajudar a concretizar o seu sonho de assistir à largada anual das lanternas voadoras.

– Boa noite, Lourinha! – diz ele, antes de se ir deitar, junto à fogueira.

– Boa noite, Eugene! – responde a Rapunzel, que até não desgosta do verdadeiro nome do amigo ladrão.

Adormecem tranquilamente. Mas, ao amanhecer, o Flynn acorda sobressaltado porque julga que está a chover. Plic, cai-lhe uma gota na testa; ploc, cai-lhe outra na bochecha. O ladrão abre os olhos e... dá de caras com o Maximus, o cavalo de batalha do Capitão da Guarda! O Maximus está encharcado pois acaba de sair do túnel que ele mesmo inundara para apanhar o Flynn, no dia anterior.

– Olha quem ele é! O cavalinho de pau do chefe dos soldados! – provoca o Flynn. – Vieste desculpar-te pelo teu mau comportamento de ontem, certo?

Claro que o Flynn sabe perfeitamente que o Maximus está ali para o prender! E os dois inimigos atiram-se um contra o outro. O ruído da luta acaba por acordar a Rapunzel. Vendo o Maximus a arrastar o Flynn em direção à estrada, ela salta em defesa do amigo. O cavalo prende-o pelo pé, a Rapunzel puxa-o pelo braço. E o pobre do Flynn sente que está prestes a ra-

char-se em dois... Mas poff! Sem querer o Maximus arranca-lhe a bota. Ufa! O ladrão fica livre e desata a fugir. O cavalo lança-se em sua perseguição... mas a Rapunzel barra-lhe o caminho.

– Eh! Calminha, meu lindo! Quietos, já! Cavalo bonito!

O Maximus fica hipnotizado pela beleza da rapariga.

O Flynn nem quer acreditar quando vê o bicho a obedecer-lhe como um cachorrinho! A Rapunzel prossegue:

– E que história é essa de perseguir o coitadinho do Eugene? Vais parar, não vais? Cavalo lindo! Sabes que hoje faço anos? Como prenda, quero que o deixes em paz, até ao fim do dia. Pode ser?

O Maximus estende a pata para fazer as pazes com o outro. O ladrão aceita e aperta-lhe amigavelmente o casco. O Flynn revira os olhos: já conhecia encantadores de serpentes, mas uma encantadora de cavalos era a primeira!



## 12 DE JANEIRO ERA UMA VEZ

Aninhada na cama, a Lilo começa a ler.

– Era uma vez...

– Espera! – interrompe o Stitch. – Tenho de ir buscar qualquer coisa para comer!



– Cuidado para a Nani não te ouvir – avisa a Lilo.

O Stitch vai pé ante pé até ao corredor e arrebita as orelhas.

– Ninguém por perto! – sussurra ele.

Corre escada abaixo e entra na cozinha.

– Deixa ver... – hesita ele, inspecionando o interior do frigorífico. – E por que não uma sandes de ananás, salada de repolho e uns pepininhos?

– Vais pôr essa misturada toda dentro de uma sandes? – espanta-se a Lilo, que o tinha seguido muito discretamente.

– Ahhh! – grita o Stitch.

– Desculpa – murmura a Lilo. – Não te queria assustar.

– Mas o que é que se passa aqui? – pergunta a Nani, entrando na cozinha.

– O Stitch ficou com apetite – explica a Lilo.

– Mas não são horas de comer! – ralha a Nani. – Vá: já para a cama!

Contrariado, o Stitch trepa para a cama e leva o livro de contos à Lilo.

– Mas são horas de ler histórias! – resmunga ele.

– Pode ser, Nani? – implora a Lilo.

A Nani suspira.

– Está bem. Mas uma história curta!

– Fixe! – gritam a Lilo e o Stitch.

Enquanto a Nani se instala na cama, entre os dois amigos inseparáveis, a Lilo abre o livro e começa a ler:

– Era uma vez um cãozinho muito triste que se chamava... Stitch! Ele estava triste porque andava perdido.

– Perdidoo – repete o Stitch.

A Lilo passa o livro à irmã, para ser ela a continuar a leitura.

– Mas, certo dia – prossegue a Nani – ele conhece uma menina chamada...

– Lilo! – diz logo a Lilo.

– Chamada Lilo – confirma a Nani.

Depois, a Nani leu a história toda, até ao fim.

– E viveram felizes para sempre – remata ela, fechando o livro.

– Para sempre – murmura o Stitch, fechando os olhinhos.

– Para sempre – repete a Lilo, fechando igualmente os olhos.

Depois de aconchegar os pequenos, a Nani foi à cozinha comer qualquer coisa.

– E por que não uma sanduíche de ananás, salada de repolho e uns pepininhos?



## 13 DE JANEIRO UM CESTO EM PASSEIO

– Que dia perfeito para um piquenique! – declara a Minnie, numa bela manhã cheia de sol. Ela prepara os convites para os amigos: encontro marcado para o meio-dia, no campo de jogos. A seguir, vai buscar um grande cesto. Coloca lá dentro os convites, a lista das compras, uma toalha, guardanapos e pratos. De repente, tem uma ideia: vai ao jardim colher flores, para decorar a toalha da refeição. Só que, quando regressa a casa com as flores, lembra-se que deixou o cesto em cima da relva...

No jardim, a Margarida descobre o cesto. Abre-o, lê os convites e, animada, decide fazer uma salada de frutas. Levando o cesto com ela, vai até aos arbustos da mata colher umas amoras. Quando a Minnie volta ao relvado, o cesto já não está lá!

– Oh, não! – choraminga ela. – Acabou-se o meu piquenique mesmo antes de ter começado!

Entretanto, a Margarida dá um salto a casa para ir buscar uma tigela e deixa o cesto ao pé das amoras. Durante esse tempo, é o Donald quem o encontra. Abre-o e também fica entusiasmado com o piquenique. Pega no cesto e vai até à mercearia porque falta comprar uns limões para a limonada. Mas, ao pegar no saco de limões, o Donald esquece-se do cesto! E, pouco depois, o Pateta até tropeça nele!

– Que bom! – diz o Pateta, quando vê o seu convite. – Adoro piqueniques!

Dando uma olhadela à lista de compras, ele resolve tratar das maçarocas de milho. E lá vai ele colhê-las no milheiral ali perto,

de cesto na mão. Claro que, como é ainda mais distraído do que os outros, leva as maçarocas mas deixa ficar o cesto! De seguida, o Mickey estaciona o carro junto do milheiral e, deixa sair o Pluto para fazer exercício. E cruzam-se com o famoso cesto! O Mickey vai comprar salsichas e ketchup para o piquenique mas ele... ele, ao menos, não se esquece do cesto!

Está na hora de almoço, só que a Minnie não tem fome nenhuma.

– Ai, se eu não tivesse perdido o meu querido cesto e os meus convites... – suspira ela, a caminho do campo de jogos.

E que grande surpresa! Estão lá todos os seus amigos e o cesto está cheio até cima! Toda a gente desata a rir quando cada um conta como encontrou o cesto e depois o perdeu!

– É o melhor piquenique da minha vida! – exclama a Minnie, com um sorriso de orelha a orelha.



## 14 DE JANEIRO DO SONHO À REALIDADE

Quando, por fim, a Rapunzel chega à cidade, fica encantada. Do alto do monte, o castelo domina todo o reino, estendendo a sua sombra protetora sobre os habitantes. Que terra maravilhosa!

– Tens uns cabelos tão giros! – grita um grupo de meninas, vendo-a passar. – Mas assim as pessoas vão pisá-los. Deixa-nos fazer uma trança!

A Rapunzel aceita e, pouco depois, já pode admirar o seu novo penteado: uma magnífica trança, adornada com flores frescas! Ainda por cima, é muito mais prático. E pensar que ela nunca se tinha lembrado de atar os cabelos!

Sempre à coca dos soldados, o Flynn acompanha-a até um largo onde um animador convida todos a dançar em honra da Princesa desaparecida. Celebrando o seu aniversário, a Rapunzel diverte-se bastante e depois o Flynn vai mostrar-lhe os recantos da cidade. Vão até ao alfaiate, onde ela experimenta um vestido deslumbrante. De seguida, regalam-se com as delícias do pasteleiro. Na biblioteca, a Rapunzel admira as centenas de livros. Na rua, ela desenha a giz sobre a calçada. O dia passa de forma muito alegre e, ao anoitecer, o Flynn leva-a até um barco. A Rapunzel espanta-se:

– Mas onde vamos?

– Para o lago do castelo. Da água, veem-se melhor as lanternas. Chegou a hora de concretizares o teu sonho. Daqui a pouco, vais ver as luzes subir pelo céu!

De súbito, a jovem fica aterrorizada: se o seu grande sonho está prestes a reali-

zar-se, com o que é que ela vai sonhar a seguir? Enquanto isso, o Rei e a Rainha lançam a primeira lanterna da varanda real. Ao vê-la pairar, a Rapunzel esquece todos os seus receios. É tão bonito! Mais bonito ainda do que ela imaginava! Daí a nada, o céu inteiro fica salpicado de luzinhas mágicas. A Rapunzel e o Flynn olham-se nos olhos, a sorrir.

– Queria que este instante nunca mais acabasse! – pensa ela. – Gostava de ficar aqui para sempre!

O Flynn oferece-lhe uma lanterna, para os dois lançarem juntos. A Rapunzel murmura:

– Toma. Devolvo-te a tua coroa. Quis dar-ta mais cedo mas tive medo que depois te fosses embora. Mas agora, já tenho mais confiança. Percebes?



– Perfeitamente – responde o Flynn, colocando a coroa a um canto do barco.

Ele já não estava interessado em ficar rico. Dali para a frente, o seu único sonho era ficar ao lado da Rapunzel. E que bom que era estar, nesse momento, a viver esse sonho!



## 15 DE JANEIRO OS MEDRICAS

– Nala! – sussurra o Simba. – Estás a dormir?

– Não – diz a Nala. – O que estás aqui a fazer? Vamos arranjar mais sarilhos...

Pouco antes, o Simba e a Nala tinham ido explorar o Cemitério dos Elefantes e caíram na armadilha das hienas. Mas o pai do Simba, o Mufasa, conseguiu salvá-los.



– Segue-me! – desafia o Simba.

Rapidamente, os dois pequenos avançam pela savana escura.

– Mas afinal o que é que queres? – pergunta a Nala.

– Quero ter a certeza de que tu já não tens medo – explica o Simba.

A Nala franze o focinho.

– Medo? – exclama ela. – Não fui eu que fiquei com medo!

– O quê? Se calhar fui eu, não? – grita o Simba. – Aquelas hienas estúpidas não me metem medo. Mesmo se fossem dez hienas, eu não ia ter medo nenhum.

– Ai, é? – diz a Nala. – Pois se fossem vinte hienas e um búfalo raivoso, eu não ficava com medo.

– Ai, não? – responde o Simba. – E eu não ia ter medo se fossem trinta hienas, um búfalo raivoso e um...

– UM PASSARÃO FURIOSO? – rosna uma voz.

– Aah! – o Simba e a Nala até dão um pulo.

Nesse momento, aparece um pássaro com cores muito vivas. Era o Zazu, o fiel conselheiro do Mufasa.

– Zazu! – suspira de alívio o Simba. – Meteste-nos medo!

– A mim, não! – reage a Nala, indignada.

– E a mim, afinal também não! – diz logo o Simba.

– Então, ninguém teve medo? Deve ter sido por isso que deram um grito tão assustado...

– Apanhaste-nos de surpresa, foi só isso – justifica-se a Nala.

O Zazu agita as penas.

– Ouçam com atenção – diz ele. – Ter medo não é vergonha nenhuma. Até o rei Mufasa não ia negar que ficou aterado quando pensou que vocês tinham sido apanhados. E se isso lhe acontece a ele, também pode acontecer a um par de migalhas como vocês.

– Pois pode... – confessa o Simba, enquanto a Nala encolhe os ombros.

– Toda a gente pode ter medo – continua o Zazu. – O que importa é a maneira como reagimos a ele. Essa é que é a verdadeira coragem. Percebido?

– Percebido! – dizem o Simba e a Nala.

– Ótimo. Mas ou se despacham, ou dou-vos uma boa razão para terem medo a sério! – brinca o Zazu.